



# Arquitetônica bakhtiniana na escrita de *fanfic* a partir do conto machadiano

Regiani Leal Dalla Martha Couto <sup>1</sup>  
Simone de Jesus Padilha <sup>2</sup>

## RESUMO:

Este estudo está ancorado no princípio dialógico bakhtiniano e trata-se de um recorte da pesquisa de doutorado em andamento, cujo objetivo é analisar como o aluno se constitui autor na escrita de *fanfic* a partir do conto machadiano. Para este artigo, escolhemos, aleatoriamente, uma *fanfic* do nosso *corpus* de pesquisa para analisá-la à luz da arquitetônica bakhtiniana, com fundamentação nas obras de Bakhtin e o Círculo (BAKHTIN, 2011; 2014; 2017; 2023), (VOLÓCHINOV, 2017). A narrativa foi produzida por uma aluna do Ensino Médio do IFRO – Instituto Federal de Rondônia, *Campus Ji-Paraná*. As *Fanfics*, ou narrativas de fãs, são produzidas a partir do desejo de dar continuidade, alterar, ressignificar, entre outros a história original. Aqui a autora-criadora dialogou com o conto “O caso da vara”, de Machado de Assis para produzir a *fanfic* “Confronto inesperado”. Em resposta ao conto canônico, a autora criadora, ao elaborar seu enunciado, assume sua posição axiológica e imprime sua assinatura na narrativa, demarcando sua autoria na *fanfic*. Nosso viés de análise observou os percursos da arquitetônica perseguida pela autora-criadora em seu projeto de dizer, em que destacamos, também, as relações dialógicas estabelecidas entre o contexto cronotópico do século XIX e o contemporâneo, a fim de marcar a posição axiológica dos autores em cotejo, no caso Machado de Assis e autora-criadora. No processo arquitetônico de autoria ampliada, a autora foi coautora, contempladora do conto para se tornar autora da *fanfic*.

## PALAVRAS-CHAVE:

*Fanfic*;  
Conto machadiano;  
Dialogismo;  
Arquitetônica;  
Autoria;

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT, *Campus Cuiabá*. Professora EBTT – no IFRO – Instituto Federal de Rondônia, *Campus Ji-Paraná*. Membro dos grupos de pesquisa REBAK – Relendo Bakhtin e GELLIC – Grupo de Estudos em Leitura, Linguagens e Identidade Cultural.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Professora Associada do Departamento de Letras e Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), líder do Grupo Relendo Bakhtin (REBAK/CNPq/UFMT).

## 1 Introdução

Adotando uma concepção dialógica de linguagem, apoiamo-nos em Bakhtin e seu Círculo, entendendo a língua como um sistema ideológico que se realiza na linguagem humana, por meio da interação verbal. Nesse viés, a partir das interações discursivas, vamos nos constituindo por meio de um amálgama entre diferentes vozes. Como afirma Bakhtin (2011), nossos enunciados são ecos de enunciados anteriores e suscitam enunciados posteriores. Nossas falas, nossos pensamentos, nossas produções autorais são reflexos dos diálogos estabelecidos com os outros, somos resultado do que lemos, ouvimos e vivenciamos na grande cadeia discursiva da comunicação humana criativa e ininterrupta.

Na propositura bakhtiniana, o diálogo não é visto como uma simples conversa face a face, porque ele transpõe as barreiras espaciais e temporais nesse permanente diálogo da vida. Por isso, entender a linguagem nessa ótica pressupõe entender as relações sociais, culturais e ideológicas. A esse respeito, Padilha (2015) acrescenta que

Tudo está na relação com tudo: aquilo que digo com os meus dizeres anteriores e com os dizeres de outros também; aquilo que dirão a partir do que eu digo; o tipo de relação que estabeleço com meu interlocutor; qual relação que eu posso estabelecer (ou já se estabelece por si) entre o meu enunciado e o lugar de onde eu falo, em qual campo ou esfera de atividade humana meu enunciado (ou o dos outros) é produzido, quais relações entre as pessoas ocorrem ali: amigáveis, hierárquicas, democráticas, autoritárias, abertas, preconceituosas, possessivas, opressoras, produtivas, criativas, entediadas, violentas... ah... uma lista enorme de possibilidades! (Padilha, 2015, p. 39).

Assim, pensando nessas infinitas relações, focamos em nosso objeto de análise - a produção de uma *fanfic* por uma aluna do Ensino Médio do IFRO – Instituto Federal de Rondônia, *Campus Ji-Paraná*, feita a partir da leitura de um conto de Machado de Assis, no caso em questão, “O caso da vara”.

As *fanfictions*, *fanfics* ou *fics* são narrativas de fãs, que desenvolveram um desejo de continuar interferindo na obra de alguma maneira, seja recontando, mudando personagens, acrescentando fatos, misturando gêneros, enfim. Exploraremos mais sobre esse gênero discursivo, na seção 2. Optamos, neste artigo, em utilizar a expressão abreviada *fanfic*.

Compreendemos, neste processo, que as relações entre leitura e escrita estão amalgamadas em uma arquitetura discursiva, num processo de autoria ampliada, já que a autora criadora da *fanfic* é primeiramente autora contempladora do conto machadiano, e no tecido da construção de sentidos, a partir da compreensão responsiva, é que se observa a totalidade do enunciado, bases da premissa da arquitetura.

Trazer o conceito bakhtiniano de arquitetônica<sup>3</sup> para análise de textos pressupõe uma visão dinâmica que recupere a atividade, a tensão que está por trás do discurso elaborado, observando, sobretudo, o centro de valores. A *fanfic* produzida se mostra como uma resposta à leitura do conto machadiano, a autora-criadora se coloca no lugar exotópico<sup>4</sup>, em um contexto cronotópico<sup>5</sup> diferente e, a partir de seu horizonte social, ela imprime sua assinatura, em seu ato responsável, de apresentar um enunciado concreto na rede da comunicação dialógica.

## 2 Nos caminhos da arquitetônica

Falar sobre arquitetônica na teoria bakhtiniana não é tarefa fácil; justamente por sua dimensão e complexidade não temos a pretensão de esgotar o tema, para tanto, ancoramo-nos nos biógrafos de Bakhtin, Clark e Holquist (2008), quando fazem referência à arquitetônica e consideram-na “uma agenda de tópicos tão basais e complexos que nem sequer o transcorrer de uma vida inteira bastaria para ponderá-los até o fim” (Clark; Holquist, 2008, p. 90).

Ancoradas nessa premissa e considerando nossa propositura para entender esse conceito, passamos a uma breve explanação. Bakhtin filósofo postulou as primeiras ideias sobre Arquitetônica nos seus textos iniciais *Arte e responsabilidade* (1919), em *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1924), *O autor e a personagem na atividade estética* (1924-1927) e *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* (1924).

Em *Arte e responsabilidade*, o filósofo russo pontua uma crítica àquilo que ele chama de mecânico em oposição à ideia de totalidade. Bakhtin (2011, XXXIII) destaca que “os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade”. Ou seja, esses três campos estão interligados porque Bakhtin pressupõe o acontecimento real, o momento histórico, e por isso não pode ser desvinculado da vida. A compreensão só ocorre se a arte estiver mergulhada na vida, porque, caso contrário, torna-se mecânica e não permite que o homem se aproprie de elementos fecundos da sua cultura. É preciso primar pela totalidade dessa unidade. Pensando nessa relação arte e vida, ético e estético, o autor finaliza o ensaio afirmando “Arte e vida não são a mesma coisa, mas

---

<sup>3</sup> Arquitetônica: esse conceito será melhor explorado na seção seguinte. Estamos entendendo aqui que o movimento da arquitetônica se estabelece na relação entre sujeitos que vivenciam experiências, situadas em dado momento espaço tempo, e que ao participarem de um evento único e irrepetível, constituem sentidos e se tornam autores.

<sup>4</sup> Exotopia, conceito bakhtiniano, desenvolvido no ensaio *Autor e a personagem na atividade estética*, grosso modo, sugere a ideia de colocar-se no lugar do outro no processo da interação.

<sup>5</sup> Cronotopo conceito elaborado por Bakhtin, no ensaio *Teoria do romance*, ao tratar sobre espaço e tempo na narrativa. Aqui estamos observando a relação cronotópica do século XIX e a contemporaneidade.

devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade” Bakhtin (2011, XXXIII). Embora, nesse breve texto, o autor não fale explicitamente em arquitetônica, podemos inferir que trata-se de um anúncio de sua proposta filosófica da arquitetônica da responsabilidade.

Em *Para uma filosofia do ato*, texto denso e com características de incompletude, o autor apresenta ideias seminais que serão posteriormente exploradas, sobretudo a respeito da responsabilidade que temos em nossos atos únicos e irrepetíveis. O ato responsável está focado nos centros de valores do *eu-para-mim*, *eu-para-o-outro* e *o outro-para-mim*. “O *eu-para-mim* constitui o centro da origem do ato e da atividade de afirmação e de reconhecimento de cada valor, já que este é o ponto no qual eu responsabilmente participo no existir singular” (Bakhtin, 2017, p.122).

“Em relação ao centro valorativo do mundo da visão estética (um ser humano concreto) não vale a distinção entre forma e conteúdo, já que o princípio tanto da forma quanto do conteúdo da visão na sua unidade e interpenetração é um ser humano”. (Bakhtin, 2017, p.129). Aqui o autor supera a análise do texto literário que foca apenas no binômio forma-conteúdo, mas destaca que o discurso se materializa a partir de uma tensão de vozes, “numa unidade concretamente arquitetônica” (*ibidem*, p.124).

Seguindo essa ótica, ele analisa o poema “Separação” de Pushkin, destacando a tensão diante do amor, com dois centros de valores, ou seja, a voz do herói e a voz da heroína afirmada pela voz do herói, e ainda do autor-criador a orquestrar essas vozes no interior do poema. Completa o arco arquitetônico o autor-contemplador, nós leitores, a constituir sentidos no ato singular da leitura, em posição ativa responsiva.

Nessa perspectiva, Bakhtin nos fornece uma compreensão dessa arquitetônica da responsabilidade, ou seja, ela só acontece em um acontecimento concreto, realizado, e o meu centro de valor pressupõe uma relação do meu eu com outro eu, que não é passivo, mas que também dialoga comigo, a partir de sua compreensão responsiva, de sua reação, resposta. O lugar que ocupo não pode ser ocupado por outrem, já que esse ato pressupõe um existir singular e irrepetível.

Já no ensaio *O autor e o herói na atividade estética*, o filósofo russo explicita a relação arquitetonicamente estável e dinamicamente viva do autor com a personagem, explora a relação ética e estética entre essas duas instâncias e comprova com exemplos nas obras de Dostoiévski, Pushkin e outros. Nesse texto, Bakhtin distingue o autor-pessoa do autor-criador, explicando que um não se confunde com o outro, mesmo que apareçam na obra elementos biográficos do autor pessoa, esses dados são explorados estética e artisticamente pelo autor-criador que demarca sua posição axiológica. Nas palavras do teórico russo:

O autor vivencia a vida da personagem em categorias axiológicas em tudo diferentes daquelas em que vivencia a sua própria vida e de outras pessoas – que com ele participam do acontecimento ético aberto e singular da existência – apreende-a em um contexto axiológico inteiramente distinto. (Bakhtin, 2023, p.57)

Por considerar que o discurso não é descolado da vida, esse ato concreto realizado pressupõe um outro, o sujeito da empatia, o extralocalizado. Bakhtin apresenta nesse ensaio a concepção de exotopia, porque ele, sendo o autor-criador, está em uma posição que consegue ver aquilo que o outro não vê, assim ele caracteriza:

[...]o excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente da minha visão complete o horizonte do indivíduo contemplado sem perder a originalidade deste. Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, tendo retornado ao meu lugar, completar o horizonte de com o excedente de visão que deste meu lugar se descortina fora dele [...] (Bakhtin, 2023, p.69-70)

Nesse seguimento, é apenas do lugar singular que ocupo que posso compreender o outro. Nesse ato ético e estético de contemplação da arte, da vida e do outro, o leitor assume seu papel de contemplador, de coautor, vemos assim, o princípio arquetônico nessa propositura.

E, no último ensaio, *O problema do conteúdo, do material e da forma* é possível inferir a crítica à estética do material dos formalistas russos e, em resposta, o autor apresenta uma estética sistemática e geral, considerando a obra na totalidade, e como sendo parte da cultura, *conteúdo, forma e material* são indissolúveis. Entendemos que o conteúdo está relacionado aos acontecimentos da vida e vem sempre dotado de valorações que são marcadas no projeto enunciativo do autor, o material é a língua, entendida aqui na concepção pluridiscursiva de Bakhtin (2014), como uma prática social, e quanto à forma, Bakhtin separa em arquetônica e arquetônica composicional “As arquetônicas são as formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas da natureza enquanto seu ambiente, as formas do acontecimento no seu aspecto de vida particular, social e histórica” (Bakhtin, 2014, p.25), e as formas composicionais são aquelas que “organizam o material, têm um caráter teleológico, utilitário, como que inquieto e estão sujeitas a uma avaliação puramente técnica” (Bakhtin, 2014, p.25).

Observando mais profundamente essa relação *conteúdo, forma e material*, Melo Junior (2022) considera que:

[...] analisar uma obra a partir da concepção de sua arquitetônica descarta perspectivas que se voltam apenas a uma análise do conteúdo (dos discursos, dos temas da vida, dos aspectos culturais representados em uma obra etc.), como também aquelas que se debruçam apenas sobre os aspectos formais, quer linguísticos ou estéticos. Analisar uma obra pela perspectiva bakhtiniana da constituição arquitetônica de uma obra literária, portanto, só é possível a partir da compreensão do analista de que todos os elementos de uma obra (relacionados ao conteúdo e à forma, por meio de um material) são constituintes de um todo indivisível. (Melo Junior, 2022, p.26)

Nesse sentido, o analista que pretende observar uma obra ou objeto estético deve ter clara essa noção de totalidade do enunciado, analisando a obra como uma grande rede dialógica, recheada por posições axiológicas que demarcam o ato responsável do autor-criador, em diferentes contextos e direções.

Entendendo a arquitetônica como dizeres em todas as direções Padilha (2015), ancorada em Volochinov (2009), considera que a proposta dos pensadores russos reforça “a arquitetônica dos dizeres, para todos, em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as direções. Uma chamada pela libertação da voz dos falantes e das amarras da linguagem” (Padilha, 2015, p.49). Assim, compreendemos que a arquitetônica em todas as direções caminha para abarcar o todo das concepções que Bakhtin organizou acerca da linguagem como prática social e cultural que perpassa as relações dialógicas, o cronotopo, a exotopia, o ato ético e responsável, a entonação, a compreensão responsiva e tantos outros conceitos filosóficos que desenham essa teoria. Além disso, a arquitetônica pode ser compreendida como um processo que une forma, conteúdo e material para se constituir um processo autoral, que organiza os sentidos, em determinado momento sócio-histórico e ideológico, seja de um objeto estético ou de qualquer outro gênero discursivo usado na comunicação humana.

No caso em análise, a produção do gênero *fanfic* caminha para a direção da autoria, nesse sentido, Sobral (2011, p. 40) destaca que “Uma arquitetônica é um “lugar” em que o locutor se propõe legitimamente como autor no âmbito de um gênero”, e aqui temos a produção do gênero *fanfic* como uma resposta ao conto machadiano.

Pensar na arquitetônica pelo viés da totalidade instiga-nos a pensar que o objeto estético aqui criado, o gênero *fanfic*, teve sua concepção a partir do olhar e da valoração da autora-criadora, que assume seu ato responsável e ao responder ativamente a outro enunciado, no caso à leitura do conto machadiano, imprime sua assinatura e dá um acabamento estético ao objeto criado.

### 3 O gênero discursivo *fanfic*

O fenômeno *Fanfiction* tomou força, a partir dos anos 2000, com a profusão de *websites* dedicados a *Fanfictions* sobre a saga do Harry Potter; embora sua origem data de épocas anteriores à chegada da internet (Vargas, 2015). A cultura de fã já era percebida com os *fanzines*, “revistas amadoras e, muitas vezes, artesanais, eram a única forma de se ter conhecimento de seriados favoritos ou debater com outros fãs questões de interesse restrito, como a vida de personagens como Sherlock Holmes ou as diversas missões da espaçonave Enterprise” (Neves, 2014, p. 86).

É, sobretudo, com a popularização da internet que essa cultura de fãs se materializa nas *fanfics*. Esse gênero discursivo tem uma composição narrativa e é elaborado a partir do desejo em dar continuidade à obra original, que pode ser uma obra literária, um filme, uma música, uma série televisiva, entre outros. Para o autor desse gênero, não basta consumir o original, é preciso recontá-lo e isso pode ocorrer por diferentes vieses, acrescentando personagens, dando destaque a um personagem secundário, alterando a questão cronológica, realizando uma intensificação emocional, demarcando o estilo do escritor, por isso, é um espaço propício à interação e ao processo de autoria livre (Vargas, 2015). Ainda conforme Vargas:

A *Fanfiction* é, assim, uma história escrita por um fã, envolvendo os cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucro envolvidos nessa prática. Os autores de *Fanfictions* dedicam-se a escrevê-las em virtude de terem desenvolvido laços afetivos tão fortes com o original, que não lhes basta consumir o material que lhes é disponibilizado, passa a haver a necessidade de interagir, interferir naquele universo ficcional, de deixar sua marca de autoria. (Vargas, 2015, p. 21-22)

Desse modo, o leitor, “ao fazer esse preenchimento das lacunas, vai além no seu processo de interpretação e encoraja-se a registrar seu trabalho, fruto de suas especulações, que se torna mais elaborado à medida que passa a ser escrito”. (Vargas, 2015, p. 22). Esse gênero discursivo tem como uma de suas premissas a escrita colaborativa.

A escrita desse gênero pode apresentar uma diversidade temática, oriunda do universo juvenil, bem como uma composição em diferentes maneiras. Vargas (2015) se sustenta no trabalho de Jenkins (1992) e faz uma classificação de 10 tipos de análise para a reinterpretação de um original. Embora essa tipificação tenha sido feita com base nos *fandons* televisivos, Vargas esclarece que permanecem atuais para classificar as *Fanfics*. Optamos por apresentar aqui uma síntese desses tipos, uma vez que exploraremos essa classificação na análise *corpus* desse artigo:

- 1- **Recontextualização:** consiste na escrita de cenas que preenchem as lacunas deixadas pelo original. (...)
- 2- **Expansão da linha do tempo:** os textos originais oferecem pistas sobre fatos anteriores envolvendo os personagens, os autores de *fanfictions* utilizam essas pistas para criar suas próprias histórias sobre a evolução desses personagens. (...)
- 3- **Refocalização:** o autor de *fanfiction* centra sua história em um personagem secundário na trama original, sobre o qual pouco se conhece. Essas *fanfictions* permitem aos seus autores um amplo leque de opções, visto que poucas são as pistas textuais a serem utilizadas para a construção do universo do personagem, seja concedendo-lhe um papel de mais destaque na trama original, seja recontextualizando-o ou expandindo a linha de tempo sobre a sua história. (...)
- 4- **Realinhamento moral:** “refocalização levada ao extremo”, porque nele o universo moral do texto original é questionado, ou mesmo invertido, em histórias em que se descobre que o herói é, na verdade, capaz de cometer vilanias, ou é mesmo um aliado do vilão principal, sem que ninguém houvesse percebido até então. (...)
- 5- **Troca de gênero:** Uma das estratégias de representação usada pelos autores de *fanfiction* é sobrevalorizar elementos da história, como o romance, que não são necessariamente tão importantes a ponto de definir seu gênero literário. (...)
- 6- **Crossovers:** nesse estilo de *fanfiction* são as fronteiras entre diferentes textos, e textos em diferentes suportes, que são dissipadas. (...)
- 7- **Deslocamento de personagem:** aparentemente não tão comum dentre os autores brasileiros de *fanfictions* baseadas em Harry Potter, esse estilo consiste em uma manipulação mais radical dos gêneros e fronteiras entre os textos originais e ocorre quando os personagens principais de uma série são removidos de seu contexto, colocados em outro e renomeados. (...)
- 8- **Personalização:** estilo de reinterpretação em que o autor de *fanfiction* se esforça por transpor a separação existente entre a ficção por ele admirada e a realidade de suas experiências sociais. (...)
- 9- **Intensificação emocional:** a prática da *fanfiction* centra-se muito na psicologia dos personagens, o que gera uma ênfase narrativa nos momentos de crise, seguidos por aqueles de conforto emocional. (...)
- 10- **Erotização:** consiste na exploração da dimensão erótica dos personagens. (Vargas, 2015, 66-72)

Desse modo, observamos que são diversas as possibilidades de escrita desse gênero discursivo, que inclusive podem se mesclar caso seja a intenção do autor, trazer por exemplo um *crossover*, com intensificação emocional, ou outras possibilidades, considerando o projeto de dizer do autor. Trabalhamos essas possibilidades de escrita do gênero *fanfic*, a fim de que os participantes pudessem elaborar seus textos, durante nossa intervenção, para geração de dados da pesquisa.

Cabe salientar que temos consciência de que, ao realizarmos a transposição didática do gênero *fanfic*, houve uma desapropriação do lugar de produção e circulação desse gênero, todavia, consideramos essa situação e, ao trazer o gênero do espaço digital para o centro da sala de aula, observamos “(...) que a escola sempre está



lidando com conhecimentos produzidos cultural e socialmente, os quais, ao serem trazidos para a esfera escolar, tornam-se conhecimentos escolarizados;(...)” (Paes de Barros; Padilha, 2011).

Nesse processo de ensino de gênero concordamos com Sobral (2011) que afirma:

Ensinar gêneros não é nem pode ser absorver gêneros que têm seus fins específicos em função dos fins da escola, mas descrever e levar a compreender gêneros não escolares em termos das necessidades sociais a que atendem em seus contextos específicos. E isso requer criar condições para que os alunos assumam as posições enunciativas de usuários da língua em formação, não de alunos. (Sobral, 2011, p.45)

Nessa propositura, acreditamos que o Gênero discursivo *Fanfic* pode ser uma ferramenta pedagógica relevante para o trabalho com a leitura e a escrita, sobretudo por fazer parte da experiência cotidiana dos alunos, e permitir ao aluno conhecer e manejar sua língua/linguagem tornando-se autor de seus projetos enunciativos. Além disso, pelo seu caráter digital e por permitir uma produção autoral do aluno, torna a aprendizagem significativa, já que o aluno participa ativamente do processo. A perspectiva de autoria deste trabalho apoia-se na noção de arquitetura em que os alunos, ao dialogarem com o texto machadiano, são contempladores, para registrarem sua posição axiológica ao criarem as *fanfics*.

## 4 Metodologia/ Análises

A *fanfic corpus* deste artigo foi produzida durante a geração de dados da pesquisa de doutorado em andamento. Inicialmente, trabalhamos os contos machadianos à luz da ADL – Análise dialógica da literatura (Melo Jr, 2019), para, em seguida, os alunos produzirem as *fanfics* em um *blog* específico para este fim. Os sujeitos participantes eram alunos do Ensino Médio Técnico no IFRO – Instituto Federal de Rondônia, *Campus Ji-Paraná*, que produziram 09 narrativas. Para este recorte, contudo, selecionamos, aleatoriamente, uma *fanfic* produzida por uma aluna.

A partir desse material de análise e norteadas pelos princípios bakhtinianos, adotamos o cotejo para pôr em diálogo o conto machadiano “Caso da Vara” de Machado de Assis e a *fanfic* “Confronto Inesperado” de uma aluna autora, observando as posições axiológicas assumidas pelos autores. Em seguida, assumimos nosso papel de analistas e adotando a postura dialógica, observamos o processo percorrido pela autora-criadora em seu processo de criação. Para situar o leitor deste artigo, trouxemos uma breve sinopse dos dois textos em cotejo.

O conto machadiano “Caso da vara” conta a história de Damião que queria fugir do seminário, já que estava lá por imposição de seu pai. Na fuga, decide pedir ajuda à

Sinhá Rita, pois sabia que seu padrinho, João Carneiro, que o levava ao seminário, era amigo da viúva, e Sinhá Rita, prontamente, manda chamar Carneiro para convencer o pai de Damião a tirá-lo do seminário. No conto, não fica explícita a relação entre Rita e Carneiro, todavia o narrador deixa pistas que havia algum tipo de relação entre eles, amorosa e/ ou de favores. Na casa de Sinhá Rita, Damião resolve apadrinhar Lucrecia, uma menina escrava que fazia os caprichos da Sinhá e quando não obedecia era castigada com a vara. A pequena menina se interessa por ouvir Damião e ele promete que a ajudaria com o serviço, todavia, quando Sinhá Rita vem para castigar Lucrecia, Damião prontamente lhe entrega a vara, demonstrando seu jogo de interesses em salvar sua própria pele, sugerindo, assim, a crítica machadiana aos abusos cometidos pelos senhores aos escravos.

A *Fanfic* “O confronto inesperado” foca no personagem Damião. Logo no primeiro capítulo, a autora recupera a ideia de que Lucrecia era maltratada por Sinhá Rita e Damião decide apadrinhar a menina enfrentando Sinhá Rita. Damião também queria fugir do seminário, mas diferentemente do conto original, ele se mostra corajoso, afinal Lucrecia desperta nele sentimentos de bondade e de solidariedade. Damião convence o padrinho, João Carneiro, a ajudá-lo a desmascarar Sinhá Rita. Eles planejam libertar Lucrecia e vão à casa de Sinhá Rita no horário de 16h em que ela estava sempre tomando chá com as vizinhas. Ao invadirem o quarto de Sinhá Rita, descobrem que ela guardava muitas joias em casa, o que não seria comum. Ao perceber a presença dos intrusos, Sinhá Rita os ameaça, especialmente, a Damião, dizendo que avisaria o pai que, certamente, levaria o rapaz para seminário. Sinhá Rita não esperava a atitude de Damião que a enfrenta e mostra as joias, insinuando que elas não seriam de Sinhá Rita. Nesse momento, ela recua e desiste das ameaças. Quando Damião afirma que só queria levar Lucrecia, o pai dele aparece e Sinhá Rita diz falsamente que o menino deveria voltar para o seminário. Enquanto Sinhá Rita e o pai de Damião conversam, Lucrecia se aproxima mostrando uma joia de Sinhá Rita. O pai de Damião, que era policial, analisa a joia e verifica que se trata de uma peça roubada, que pertencia a uma das vizinhas de Rita. A *fanfic* termina com a prisão de Rita, e o pai não obrigando o filho a ir ao seminário. Finalmente, Damião adota Lucrecia e junto com seu pai formam uma família de corajosos.

No texto *Metodologias das Ciências Humanas* escrito entre o final de 1930 e início de 1940, Bakhtin (2011, p. 401) assevera que “o texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo”. Desse modo, passaremos a demonstrar essas relações entre o conto machadiano e a *fanfic* produzida.

Ao dialogar com o conto machadiano e demonstrar sua voz autoral, a aluna opta por trazer em sua narrativa uma mudança de atitude no personagem Damião,

definindo sua arquitetônica composicional ao trazer características de uma refocalização, mas, sobretudo de intensificação emocional, como explicamos anteriormente, pois, nesse tipo de *fanfic*, há, frequentemente:

[...] uma ênfase narrativa nos momentos de crise, seguidos por aqueles de conforto emocional. Esse tipo de *fanfiction* é frequentemente classificado no *fandom* internacional como *angst*, referindo-se a angústia, ou *hurt-comfort*, que seria o binômio dor-conforto (Vargas, 2015, p. 71)

Percebemos que, na *fanfic*, a autora traz um sentimento de angústia de Damião, que não deseja ficar no seminário e tem medo do pai que é policial. Nesse sentido, apoiamo-nos em Volochinov (2017, p.236) quando atesta que “não existe um enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa”. Desse modo, ao trazer esse perfil do pai, a autora reverbera em seu enunciado vozes sociais, demonstrando que ser policial exige uma postura mais rígida e autoritária, e na narrativa da aluna, o pai adota essa mesma atitude no ambiente familiar. Assim, ao contrário do personagem do conto machadiano, Damião agora se mostra corajoso e tem sentimentos de bondade e solidariedade despertados por Lucrecia que o motiva a enfrentar todos os seus medos.

*Damião tremeu de medo, pois seu pai era um policial severo, conservador e não aceitava ser questionado, por isso pensou em desistir e implorar para que Sinhá Rita o perdoasse, também pensou em fugir e nunca mais voltar, porém quando viu a pequena criatura assustada atrás dele, teve um pensamento quase paternal pela menina e quis levá-la para um lugar mais seguro onde ela não teria que ouvir insultos e ser maltratada todos os dias. (Trecho da Fanfic – Capítulo 1)*

As escolhas da autora criadora se fazem a partir de sua relação com o conto machadiano, numa atitude de contempladora, para, em seguida, organizar discursivamente, sua proposta autoral, compondo, a partir de nossa leitura analítica, uma nova arquitetônica, fruto de uma visão contemporânea dos comportamentos e valores dos personagens e da apreciação valorativa da situação narrada. Bakhtin (2014, p.62) afirma que “a atividade formativa do autor-criador e do contemplador domina todos os aspectos da palavra”.

Dessa maneira, ao longo da narrativa, a autora-criadora deixa marcas discursivas que apontam o caminho estético e ético que está por trás de toda a sua narrativa, em forma de resposta ativa. Apesar dos conflitos de Damião, os medos e inseguranças de ter que voltar para o seminário, a vontade de libertar Lucrecia é maior, então ele recorre ao padrinho, como vemos no trecho abaixo:

Depois de conseguir convencer Sinhá Rita que não queria interferir na vida dela, Damião resolveu fugir para a casa do padrinho, na esperança de concluir os seus objetivos. Que eram: Fugir do seminário e libertar Lucrecia. Entretanto, ele sabia que não seria fácil, por isso pediu socorro a seu padrinho João Carneiro.

-Creio que não poderei te ajudar meu afilhado, libertar uma escrava?, o que você tem na cabeça? João Carneiro disse indignado. - Sinhá Rita é horripilante.

-Meu padrinho, Lucrecia não merece o que está passando, ela é uma criança. E além disso não conseguiria enganar Sinhá Rita, ela provavelmente me denunciaria ao meu pai.

O padrinho pensa por alguns segundos em silêncio até que resolveu falar.

- Desde quando você se importa com outra pessoa além de você mesmo? - João Carneiro fala desconfiado. (Trecho fanfic capítulo 2)

Nesse excerto, observamos passagens que envolvem as questões éticas e morais, na fala do padrinho há um desmerecimento à ideia de Damião de libertar a escrava. O padrinho vê com desdém essa atitude, a nosso ver, marcada pela expressão “o que você tem na cabeça?”, mostrando a indignação de João Carneiro que acha a ideia absurda, principalmente porque teria que enfrentar Sinhá Rita, na fala da autora-criadora era “horripilante”. Ao tratar sobre o conceito de arquetônica, Melo Junior (2022) afirma que o material usado pelo autor-criador é a língua e por meio dela “ele insere, na criação literária, os diferentes discursos sociais (heterodiscurso), como também estrutura os elementos puramente estéticos” (Melo Junior, 2022, p.25) Percebemos, assim que a escolha do “horripilante” marca a voz social da Sinhá Rita autoritária.

Nesse seguimento, ao analisarmos a postura de Sinhá Rita, tanto no conto machadiano quanto na *Fanfic*, acreditamos que ela demarca uma representante das forças centrípetas, que centralizam, que representam o autoritarismo. No ensaio *Discurso no romance* Bakhtin assevera que “ao lado das forças centrípetas caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação”. (Bakhtin, 2014, p.82).

Na tentativa de representar as forças centrífugas<sup>6</sup>, aquelas que vão de encontro ao autoritarismo, Damião continua com seus argumentos para convencer o padrinho a ajudá-lo, e consegue a atenção de João Carneiro quando insiste em libertar Lucrecia, usando o argumento de que *ela é só uma criança*. Aqui, a autora-criadora recupera a crítica feita por Machado de Assis ao sistema escravocrata e, ao realizar um movimento dialógico, entre o século XIX e o cronotopo atual, essa fala sugere que ainda hoje há formas de trabalho escravo, especialmente crianças vítimas de uma sociedade desigual.

<sup>6</sup> Forças que descentralizam, conforme proposto por Bakhtin no Ensaio *Discurso no romance*.

Essa preocupação com o outro, com outras alteridades, reforça a arquitetônica bakhtiniana considerada por Clark e Holquist (2008, p.107) como “a força estruturante que organiza as relações comunicativas, quer entre *self* e *self*, *self* e outro, e os diferentes *selves* ou entre *self* e mundo – é o que Bakhtin chama de arquitetônica, a atividade de formar conexões entre materiais díspares. Nessa direção, o diálogo entre Damião e João Carneiro mostra a preocupação não só com as questões individuais, mas também com os outros. Além disso, a fala do personagem João Carneiro indagando Damião: *Desde quando você se importa com outra pessoa além de você mesmo?* sugere a compreensão responsiva ativa da autora criadora em relação à leitura que ela estabeleceu com o personagem Damião do conto machadiano. Bakhtin (2016) corrobora que toda compreensão do enunciado é de natureza ativa.

Assim, observamos que os sentimentos de angústia inicialmente previstos são confortados pelas atitudes de bondade que Lucrecia desperta em Damião. Esse olhar extralocalizado para o outro mostra que Damião encontra conforto para suas angústias ao lutar por salvar a menina escrava. Logo, no início do capítulo 1, a autora-criadora, usando seu excedente de visão, demarca a proposta de enredo que deseja continuar em sua narrativa. Ao dialogar com o conto machadiano, ela traz a sua voz e isso reforça sua posição axiológica, desse modo, ela demonstra, em sua contrapalavra, o modo como arquiteta o personagem Damião em oposição ao personagem criado por Machado de Assis.

No conto Machadiano, Damião, apesar de apadrinhar Lucrecia, quando se vê ameaçado por Sinhá Rita, não teme em entregar a vara para castigar Lucrecia, “Chegou à marquesa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita” (ASSIS, 2007, p.432), já que estando ao lado de Sinhá Rita, conseguiria convencer o pai a tirá-lo do seminário. Em contraponto a essa parte do conto, a autora da *fanfic* apresenta a coragem de Damião em quebrar a vara para não castigar Lucrecia.

*Com esse pensamento, o rapaz juntou toda a coragem que tinha, pegou a vara, a quebrou, e a jogou fora. Sinhá Rita ficou espantada, mas só precisou de alguns segundos para entender o porquê de Damião ter feito aquilo.*  
(trecho da *Fanfic* 1 – Capítulo 1)

Segundo Bakhtin (2011), em “O autor e a personagem na atividade estética”, ao tratar sobre o problema do autor e da personagem, deixa claro que viver é tomar uma posição axiológica em todos os momentos, assim, nossos atos são cercados de valorações, nossas ideologias. Nesse viés, na *fanfic*, a autora traz uma visão de um Damião mais corajoso e valente, porque, em seu projeto de dizer, ela intenta mostrar que, apesar das dificuldades, devemos ter coragem e não abandonar os atos de bondade quando estão ao nosso alcance.

Ainda no mesmo ensaio, Bakhtin (2011) nos lembra de que os elementos de uma obra são dados a partir das ressignificações do autor, é ele que acentua os

pensamentos, os traços, as particularidades de sua personagem, assim como, na vida, nós damos respostas aos acontecimentos e às manifestações que nos rodeiam, ou seja, imprimimos nossa marca axiológica. No fragmento acima, entendemos que a autora imprime sua assinatura de mulher, já que, ao configurar Damião como um personagem corajoso, ela tem uma atitude exotópica de se colocar no lugar de Lucrecia.

Nessa direção, considerando a *fanfic* como um enunciado/texto, trazemos a discussão de Campos (2012), ao ponderar sobre a arquetônica nos materiais didáticos de Língua Portuguesa

Na proposta bakhtiniana, não é possível fragmentar o texto da esfera de circulação, de produção e de recepção, uma vez que esse conjunto é parte constitutiva do todo. O texto é, portanto, entendido como um acontecimento da ordem do humano, que nele interfere exatamente por ocupar um lugar posicionado no espaço e no tempo, assumindo a responsabilidade de assinatura. (Campos, 2012 p.254)

Assim, o texto narrativo *fanfic* vem como uma resposta ao conto machadiano em um espaço/tempo distintos. Diferentemente, no conto machadiano, a valoração e o acentos são distintos, principalmente, ao considerarmos o contexto da produção machadiana. O autor, com sua linguagem irônica e crítica, deseja mostrar que Damião também era vítima da opressão, assim como Lucrecia. Ele, oprimido pelo patriarcalismo, e ela, pelas condições de escravidão. Entretanto, ele conseguiu apoio de Sinhá Rita para não precisar ir seminário, enquanto Lucrecia, apadrinhada por Damião, não teve a mesma sorte, já que no momento decisivo os interesses pessoais de Damião se sobrepuseram. Essa postura nos leva a acreditar que Machado de Assis, em sua crítica, quer reforçar que Damião legitima a opressão de que era vítima, criticando a escravidão e ironizando as relações de poder.

Para Volochínov (2013, p.88), “na literatura são importantes acima de tudo os valores *subentendidos*. Se pode dizer que uma obra artística é um potente condensador de valorações sociais não expressadas: cada palavra está impregnada delas (...)” Nesse sentido, compreendemos que, ao analisar a literatura, podemos observar as valorações estabelecidas pelo autor, mas também o leitor, ao estabelecer relações dialógicas tem seu centro de valor, e é a partir de sua compreensão responsiva ativa que há a constituição de sentidos, isso fica latente quando colocamos em diálogo, o conto “O caso da vara” e a *fanfic* “O confronto inesperado”.

Nessa análise, percebemos que, na narrativa, a aluna, ao se constituir autora, observou o contexto cronotópico da produção de Machado de Assis e, em resposta, elaborou seu projeto de dizer, em outro espaço/tempo, considerando seus interlocutores diretos, principalmente ao escolher uma linguagem mais próxima dos jovens como demonstrado a seguir: *Damião não dizia nada, ele só queria tirar Lucrecia*

desse lugar, mas não teria como fugir com o seu pai em sua cola (trecho da *Fanfic 1 – Capítulo 4*)

Como lembra Volóchinov (2017), ao enunciarmos, nossa palavra tem um destino, um interlocutor. Nessa proposta, considerar o endereçamento do enunciado é imprescindível para a escolha da materialidade linguística, o estilo e o gênero a serem empregados na interação. Assim, ao escolher a expressão “o pai em sua cola”, a autora demonstra preocupação em estabelecer interação com seus interlocutores diretos, adolescentes da mesma faixa etária, ao conhecer seu horizonte social, ela espera que eles constituam sentidos aos seus enunciados. Ademais, em diálogo com Bakhtin no texto “O problema da forma”, esse uso da linguagem contemporânea sugere um ato avaliativo da autora, “na forma eu encontro a mim mesmo, minha atividade produtiva de formalização axiológica, eu sinto vivamente meu movimento criador” (Bakhtin 2014, p. 58). Possivelmente, a escolha por “o pai em sua cola” remete a diálogos anteriores estabelecidos por ela e em razão de sua valoração, já que ela poderia ter escolhido outra expressão e não essa.

## 5 Algumas considerações

Nesse percurso, observamos que os pressupostos da arquetônica de Bakhtin, como uma proposta filosófica, considera sempre o acontecimento real, o momento histórico, e por isso não pode ser desvinculado da vida. A arquetônica da responsabilidade pensada por Bakhtin nos leva a perceber que os atos humanos são singulares e se realizam em um dado espaço e tempo historicamente determinados, e marcados pela valoração que o sujeito externa ao concretizar seu discurso, ou seja, torna-se responsável pelo seu ato.

Assim, ao considerar essa arquetônica na perspectiva de autoria, na visão bakhtiniana, que compreende o processo como uma totalidade, já que abrange o autor criador e o autor contemplador, reconhecemos em nossa análise a atitude contempladora da aluna, sendo coautora do conto machadiano, para tornar-se autora criadora de sua *fanfic*, e ao constituir um objeto estético, ela se mune de sua posição axiológica para imprimir sua assinatura, considerando toda a perspectiva dialógica da linguagem que está emaranhada nesse viés discursivo.

Ademais, trazer o gênero *fanfic* para o centro da sala de aula em diálogo com os contos de Machado de Assis foi uma experiência significativa, e analisar esses textos tendo a arquetônica como centro permitiu a constituição de sentidos, mostrando que *conteúdo*, *forma* e *material* articulam um todo indivisível e dessa inter-relação é possível depreender os centros de valores que perpassam os elementos sociais, históricos e culturais, ideológicos na autoria.

## Referências

ASSIS, M. de. O caso da vara. In: **50 contos de Machado de Assis**. Seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3. Ed. São Carlos: Editora Pedro e João, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. Arte e Responsabilidade: In: **Estética da Criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora Martins fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail M. O autor e a personagem na atividade estética. In.: **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail M. **O autor e a personagem na atividade estética**. Tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2023.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do Material e da Forma na criação literária. In: **Questões de Literatura e de estética**. A teoria do romance. Tradução de Aurora Bernardini... [et al] 7. Ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PAES DE BARROS, Claudia Graziano; PADILHA, Simone de Jesus. Para uma escrita criadora: da produção de textos à formação de autores. **Interacções**, N° 19, p.259-273, 2011. DOI: <https://doi.org/10.25755/int.482>

CAMPOS, Maria Inês Batista. A questão da arquetônica em Bakhtin: um olhar para materiais didáticos de língua portuguesa. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 14(2), p247-263, 2012.

CLARK, Katerina. HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

JENKINS, Henry. **Textual poachers television fans and participatory culture**. New York: Routledge, 1992.

MELO JR, Orison Marden Bandeira de. Ensino de literatura em Língua Inglesa: um diálogo com propostas metodológicas com base na Análise Dialógica da Literatura. **Revista Letras Raras**. Campina Grande, v. 8, n. 3, p. Port. 222-246 / Eng. 219-244, set. 2019. ISSN 2317-2347. DOI: <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v8i3.1499>

NEVES, André de Jesus. **Cibercultura e Literatura: identidade e autoria em produções culturais participatórias e na Literatura de fã (fanfiction)**. Jundiá, Paco Editorial, 2014.

PADILHA, Simone de Jesus. A arquetônica dos dizeres em todas as direções. Em: **Revista Diálogos: linguagens em movimento**. Ano III, N. I, jan-jun, 2015.

SOBRAL, Adail. Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática: novas reflexões. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 37-45, jan./mar. 2011



VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction** [recurso eletrônico]: novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

VOLOCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.



## Bakhtinian architecture in fanfic writing based on Machado's short story

---

**ABSTRACT:** This study is based on the Bakhtinian dialogic principle and is related to the doctoral research in progress, whose objective is to analyze how the student becomes an author in the writing of fanfic based on Machado's short tales. For this article, we randomly chose 1 fanfic from our research corpus to analyze it in the light of Bakhtinian architecture, anchored on the works of Bakhtin and the Circle (BAKHTIN, 2011; 2014; 2017; 2023), (VOLÓCHINOV, 2017). The narrative was produced by a high school student from Instituto Federal de Rondônia, Campus Ji-Paraná. Fanfics, or fan narratives, are produced based on the desire to continue, change, resignify, among others, the original story. So, the author-creator dialogued with the short story "O caso da vara" by Machado de Assis to produce the fanfic "Confronto inesperado". In response to the canonical tale, the creator author, while was elaborating her statement, assumes her axiological position and imprints her signature on the narrative, demarcating her authorship in the fanfic. Our analytical bias observed the paths of the architectonics pursued by the author-creator in her project of saying, in which we also highlight the dialogical relations established between the chronotopic context of the 19th century and the contemporary one, in order to mark the axiological position of the authors little by little, in the case of Machado de Assis and author-creator. Thus, in the process of expanded authorship, the author was a co-author, contemplator of the short tale to become the author of the fanfic.

---

### KEYWORDS:

Fanfic;  
Machado tale;  
Dialogism;  
Architectural;  
Authorship.